



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

JUVENTUDE E NOITE: NARRANDO A VIOLÊNCIA E O RISCO

Eliane Nogueira Pires
(UESB)

RESUMO

As reflexões que orientam este trabalho, entendido como um fazer etnográfico tem a preocupação de compreender os jovens de Vitória da Conquista, cidade localizada no Sudoeste da Bahia, no seu lazer noturno e as novas formas de sociabilidade vivenciadas na noite. O meu objetivo é conhecer esta juventude, os interstícios do seu cotidiano noturno, seus espaços e territorialidade, suas redes de sociabilidades. Para contextualizar o trabalho, proponho estudar o cotidiano de um grupo de jovens de classe média, de 19 a 24 anos. Não considero, portanto o lado da transgressão e dos excessos da juventude. Procuo identificar uma nova forma de sociabilidade, de encontros, amores, aventuras, medos, violência, contradições e outras experiências relevantes vivenciadas na noite. Este trabalho teve como base as narrativas ouvidas entre os anos de 2000 a 2004. A metodologia foi pensada para dar conta de apreender a dinâmica do lazer desse grupo de jovens cidadãos que saem à noite em busca de liberdade. Neste caminho, busquei uma perspectiva de análise qualitativa. Porém, nessas redes de sociabilidade, encontrei a existência de preconceitos, violências e discriminações se impondo, nesses espaços vistos como de liberdade. Evidenciei que os jovens lançam mão desses espaços privilegiados de práticas culturais, como a principal e mais visível forma de comunicação e de resistência expressa nos comportamentos e atitudes pelas quais se posicionam diante de si mesmo e da sociedade. Evidenciei também que a violência está em todos os cantos, mesmo difusa, e a juventude no centro dos debates, ora pensada como agente de violência, ora como vítima a experimentá-la no próprio corpo.

PALAVRAS-CHAVE: Juventude; Noite; Violência.

*Doutora em Ciências Sociais pela PUC/SP; professora adjunta da UESB. E-mail: daninpires@bol.com.br.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

INTRODUÇÃO

As reflexões que orientam este estudo, entendido como um fazer etnográfico, têm a preocupação de compreender os jovens de Vitória da Conquista, cidade localizada no Sudoeste da Bahia, no seu lazer noturno e as novas formas de sociabilidade vivenciadas na noite.

Quando se trabalha com a questão da juventude, é imprescindível pensar o tipo de sociedade em que essa juventude está inserida. Para Costa (1992, p. 91), quando a estabilidade tradicional conferida para uma dada organização social e cultural se rompe e surgem novas formas de sociabilidade, vemos a juventude, ou parte dela, anunciadora desses novos tempos, comportando-se e questionando essas regras, esses limites tradicionais.

Imprescindível também é o problema da “definição” precisa do que é juventude. Concordo com Almeida e Tracy (2003, p.21), quando procuram em seu livro *Noites Nômades*, “calibrar a aposta na vertente do reencantamento do mundo e dos sujeitos ainda que estejamos conscientes das dificuldades e das vicissitudes inerentes a tal tarefa”.

Assim, admito que o conceito de juventude seja de complexa definição, porque um dos aspectos mais característicos da contemporaneidade é justamente a disseminação de um estilo de vida jovem, para além das fronteiras etárias.

Buscando, portanto, escapar da perspectiva excludente e da tentativa estereotipada de caracterizá-los, este estudo segue outro caminho que me possibilite compreender o “universo jovem”, dos que saem à noite construindo trajetos e percursos, vivenciando estas “novas formas de sociabilidade”.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

O meu intuito é conhecer esta juventude, os interstícios de seu cotidiano noturno, seus espaços e territorialidades sociais e culturais. Portanto, o desejo é investigar as redes de sociabilidades como espaços de liberdade.

Desta forma, para contextualizar o trabalho, proponho estudar um grupo de jovens da classe média da cidade de Vitória da Conquista, de 19 a 24 anos, que representam um conjunto de solteiros, estudantes de ensino médio e superior de escolas particulares e que gostam também de lanches rápidos, como hambúrgueres, cachorros-quentes e batatas fritas, cuidam do corpo, freqüentam as academias de ginástica e, à noite, vão para a *night*. As narrativas ouvidas entre os anos 2000 a 2004 são as bases para este trabalho.

Existe uma longa tradição de estudos sobre juventude, todavia, como afirma Pais (1995, p.09), atualmente eles vêm dando maior relevância às questões que envolvem os jovens em “situações de risco autodestruição, desenquadramento social, drogas e furtos”, o que tem levado a uma desatenção aos “traços de vida” desses jovens.

Concordando com Pais (1995), é que busco perseguir o traçado do novo, sem a contaminação da nostalgia, da aura do horror e do trágico, da decomposição dos valores e do obscurantismo.

Sobre os estudos do lazer, Magnani (1998, p.11) lembra que, na época auge das análises sobre movimentos sociais urbanos, uma pesquisa sobre o lazer era vista quase como diletantismo, por considerarem que havia coisas mais importantes a tratar, como, por exemplo, o mundo do trabalho ou da política. Para ele, a situação, hoje, é outra. O tempo livre assumiu lugar privilegiado. Assim, o volume, alcance e sofisticação das inúmeras formas, por meio das quais se utiliza a parcela de tempo livre das obrigações socialmente determinadas, fazem do lazer um tema de relevância e de reflexão sobre o próprio significado da sociedade contemporânea.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

Portanto, não considero pontualmente o lado da transgressão, dos excessos; estudando seu cotidiano, busco identificar uma nova forma de sociabilidade, de encontros, amores, aventuras, prazeres, desencontros, medos, violência, contradições e outras experiências relevantes vivenciadas pelos jovens, quando estes saem à noite com suas turmas em busca de diversão e entretenimento. O ponto de partida é uma experiência localizada em Vitória da Conquista, e o meu objeto é a juventude de classe média a partir de práticas culturais noturnas. Referencio-me em Pais (2003, p. 47): “Tomem-se as falas do cotidiano como matéria-prima do conhecimento, num processo de transfiguração semelhante ao do poeta que transfigura as palavras do dia a dia em poesia. A fonte primeira de todo conhecimento é o cotidiano, é o vivido.”

Na escolha de um caminho que me possibilitasse compreender os trajetos e percursos dessa juventude, o meu objetivo foi, caminhando com ela, desenvolver a capacidade de “flâneur”, como “passeante ocioso”, aquele que passeia por entre a multidão, misturando-se nela, vagueando ao acaso, sem destino aparente, no fluxo e refluxo das massas de gente e acontecimentos, talvez também como os impressionistas, apostando numa busca despreconceituosa desta realidade para que a sua instantaneidade pudesse me impressionar.

A metodologia foi pensada para dar conta de apreender a dinâmica do lazer de um grupo de jovens citadinos que saem à noite em busca de liberdade, emoção, diversão e outras experiências, se adequando à realidade dos sujeitos informantes.

Para identificar as práticas culturais noturnas, quando reforçam vínculos de sociabilidade, vivenciam amores, aventuras, desencontros, contradições e entretenimento, tomei suas falas como matéria-prima desse conhecimento, falas que surgiram em formas de entrevistas semi-estruturadas, nas quais relataram suas condutas e trocaram relações entre estas e seu contexto, revelando o sentido



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

imane de suas ações, o que me permitiu tecer reflexões sobre o conteúdo dessas condutas.

Busquei, tal qual o poeta que transfigura as palavras do dia-a-dia em poesia, suas palavras, como fonte primeira de todo conhecimento, do meu conhecimento, na tentativa de transformar as palavras do dia-a-dia não em poesia, mas em prática cultural quando os jovens reinventam e reinterpretam o tempo todo, isto é, vivenciam o cotidiano, o exagero, a aventura, o inesperado, o sonho.

Sei que não é fácil este caminhar para construção desse conhecimento, considerando principalmente sua heterogeneidade. Contudo, no caminho que percorro, prefiro, agora, dar menos sentido de continuidade e linearidade, e compreender mais este movimento que caracteriza a juventude desde as sociedades tradicionais às sociedades modernas e, entre elas, a juventude da cidade de Vitória da Conquista, entendida como formada de sujeitos concretos, cujas experiências e trajetórias de vida fornecerão elementos para que eu possa compreendê-los e escrever sobre seu cotidiano vivido singularmente, revelando seus próprios mundos, porque esta juventude está ligada à performance identitária que produz universos culturais específicos.

O caminho foi longo, algumas vezes árduo e interminável, repleto de incertezas, porém, como lembra Pais (2003, p.45), são essas incertezas que fazem avançar o conhecimento, num desejo ébrio de desfazê-las.

Cheguei a mais uma etapa deste percurso. A trajetória percorrida me coloca diante de novos caminhos, de novos desafios, de novos impasses e de novas perplexidades. Acredito que me aproximei de parte do universo jovem da cidade de Vitória da Conquista, objeto do qual pouco se conhecia. Esta aproximação me dá a possibilidade de ter algumas certezas, como também muitas dúvidas.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

As considerações que faço neste momento confirmam isto. Mais do que conclusões, apresento-as como pistas para novas análises, contribuições para novos debates em torno das questões sobre a juventude.

Acompanhando as trajetórias desta juventude, percebi que são jovens da mesma origem social – classe média, e da mesma faixa etária – 19 a 24 anos. Pela sua vida cotidiana, posso demarcar um certo traço de peculiaridades comuns a todos, porém que se articulam e interferem nas suas vidas, dependendo das condições concretas com as quais se deparam, deixando significados próximos para cada um deles. São solteiros, estudantes de ensino médio e superior de escolas particulares em sua maioria, gostam de lanches rápidos como hambúrgueres, cachorros-quentes, pastéis, batatas fritas e coca-cola e *“pra relaxar, uma cervejinha”*. Cuidam do corpo, freqüentam as academias de ginástica, são filhos de pais que exerce funções de profissionais liberais como professores, empresários, entre outros, e à noite vão para *night*, com suas turmas em busca de diversão e entretenimento, vivenciando uma nova forma de sociabilidade, encontros, amores, aventuras, desencontros, prazeres, medos, riscos, violência, contradições, entre outras.

Posso perceber, pelas suas experiências, que os jovens desta cidade identificam na sua maioria a juventude como uma fase da vida, porém, reelaboram imagens, correntes da juventude quando criam modos de serem jovens. No contexto de transformações socioculturais mais amplo pelo qual passa o Brasil, surgem novos lugares no mundo juvenil, quase sempre articulado em torno do lazer e da sociabilidade. Este mundo se apresenta mais democrático, possibilitando espaço-tempo e experiências que permitem que se construam como sujeito.

Percebo, também, que esta experiência de vida possibilita a estes jovens práticas, relações e símbolos, por meio dos quais criam espaços próprios, com uma autonomia relativa do mundo adulto, expressão de uma cultura que fornece



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

elementos para se afirmarem com uma identidade própria: ser jovem. Eles recriam as possibilidades de entrada no mundo além da figura do espectador passivo colocando-se também como protagonista. Nos seus espaços, querem ser reconhecidos, querem uma visibilidade, querem ser alguém. Querem ter também um lugar na cidade, usufruir dela, enfim, eles são sujeitos e, como sujeitos, querem ser jovens e cidadãos, com direito a viver plenamente a juventude.

O sentido dessa tentativa não é tanto o de uma suspensão da vida social ou de irresponsabilidade, inseqüência, como geralmente é vista, mas de garantir espaços de fruição da vida, de não serem tão exigidos, de se permitirem uma relação mais liberal com o trabalho, de investirem o tempo na sociabilidade, no lazer e nas trocas afetivas possibilitadas.

Afirmam que a sociedade não lhes oferece muitas possibilidades, o trabalho lhes fecha as portas, e a escola se mostra distante, não conseguindo entender nem responder às demandas que lhes são colocadas. Nesse contexto, a família passa a ser uma das poucas instituições com a qual podem contar, cumprindo um papel essencial na sua formação. Para eles, a família é à base de tudo. É no espaço doméstico e na rede que se forma em seu entorno que podem ser alvo de atenção e aconchego, onde se estabelecem trocas afetivas, onde são valorizados, enfim, onde podem ser mais respeitados, o que confere sentido à sua existência, contribuindo de forma que o jovem não necessite “se envolver com alguns tipos de vícios”. No nível de diálogo que consegui estabelecer com os jovens, foi possível constatar a existência de conflitos familiares, porém em nenhum momento este quadro colocou em questão a família como espaço central do afeto, do aconchego, da segurança.

Nesta pesquisa, constatei que os jovens têm ocupado ruas, parques, shoppings e os espaços de circulação da cidade, como uma forma explícita ou implícita de resistência. Evidenciei também que os jovens lançam mão desses espaços



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

privilegiados de práticas culturais como a principal e mais visível forma de comunicação, expressa nos comportamentos e atitudes pelas quais se posicionam diante de si mesmo e da sociedade. O corpo, a dança e todo um visual têm sido os mediadores que articulam grupos que se agregam para produzir e viver entretenimentos, quando espaços mais “relaxados” têm um significado de maior liberdade e atitudes.

Deste modo, a cultura da noite aparece como espaço de práticas, representações, símbolos e rituais no qual os jovens buscam demarcar uma identidade juvenil. Longe dos olhares dos pais, professores ou patrões, assumem um papel de protagonistas, atuando de alguma forma sobre o seu meio, construindo um determinado olhar sobre si mesmo e o mundo que os cerca.

Todas as representações do poder do controle estão afastadas, menos vigilantes, estão dormindo. Introduce-se aqui o sentido de festa, quando, na cidade, os que têm o poder dormem e, sobre este adormecimento, se ergue o imaginário liberador e o começo da irrealidade que requer a festa. Todas as propostas para o consumo noturno levam consigo o modelo de festa, embora mercantilizada e nada espontânea, como pondera Margulis (1997, p.16):

El clima festivo, el imaginario de la fiesta, necesita de un tiempo y un espacio propios, en ruptura con el tiempo y el espacio habitual. La fantasía, la irrealidad, el distanciamiento de lo cotidiano, se incrementan con recursos y artificios en el interior de los locales: decoración, iluminación, centelleo de luces, intensidad de la música. Las luces estroboscópicas, la decoración, la proyección de videoclips, el volumen de la música, contribuyen al simulacro de la fiesta.

A autêntica festa, a que está presente no imaginário universal, é a liberdade, que requer um tempo próprio, um espaço diferente, descontínuo com o espaço habitual. Assim, no tempo e no espaço de festa, fluem condições para que apareçam



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

outras características do festivo: “la libertad, la rebelión, la subversión de los poderes, el goce, la imaginación, el éxtasis”. (ibid, p. 16)

Ao falar da festa, afirma que nela as pessoas oficializam sua própria festa, se liberam dos poderes, da dominação cotidiana, mediante a risada, o grotesco e a máscara. Logo, a festa se realiza através destas oposições, deste situar-se em um plano antagônico intensificando o oposto e o habitual que oprime.

Porém, a festa comercial, a que é vendida aos jovens, é organizada e controlada por outros. “Es simulacro de fiesta, en el que deliberadamente se instalan ingredientes de transgresión de lo cotidiano: la luz, el espacio, el tiempo, la música cuyo volumen la transforma en algo casi corpóreo” (Ibid, p. 16).

Porém, os jovens não oficializam sua própria festa, assinala Margulis, não criam suas regras, não regulam seus espaços; são atores de um teatro alheio, consumidores, sempre aceitando o que não criaram, rígidas formas de exclusão e admissão, códigos a que têm que se submeter, adaptar-se mimetizar-se, para ser eleito, ter êxito, ser membro.

Considerando o esforço de desentender-se do mundo diurno, na cultura da noite, não deixam de estar presentes as formas de dominação e legitimação vigentes na sociedade. Predomina a dinâmica da distinção, da exclusão e das hierarquias. Lembra que mesmo o rock, que se manifesta como forma transgressora, em boa parte, é corrompido pela mercantilização; ao transformarem a cultura em mercadoria a empobrecem e deformam seu significado.

Sem dúvida, conclui Margulis (ibid, p. 18), a cultura da noite tende a reproduzir “a develar y aun a exacerbar los sistemas de dominación y de legitimación vigentes en la sociedad. Las formas de diferenciación y de exclusión social son tal vez más brutales y manifiestas que las que se aprecian en la vida diurna”. Se bem que



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

apareçam aspectos transgressores e contra culturas, mesmo assim, a lógica mercantil que preside todos os gêneros atravessa o conjunto e a atividade noturna.

Ante o que foi dito sobre juventude e concordando sobre a sua heterogeneidade, busquei outros componentes para serem analisados agora, porém levando em consideração a relevância dos depoimentos dos jovens entrevistados, considerando que o meu objetivo é construir uma etnografia da juventude de Vitória da Conquista. Contudo, procuro estabelecer alguns pontos de partida, em termos da difusão e dos seus principais marcos, com o objetivo de que essas reflexões teóricas orientem e iluminem a variedade de significados que os entrevistados atribuem aos temas: juventude, gênero, sexualidade, violência, riscos, entre outros, como prática e representação. Segundo Barreiras (1999, p.218), as propostas ou pensamentos carregam consigo uma polifonia não redutíveis em si mesmas. Assim só podem ser apreendidas em profundidade quando tomadas em consideração no campo efetivo das realidades desses sujeitos sociais referidos, onde são criados os fundamentais significados de funcionamento que atribuem ao mundo.

Quando César Barreira (1999, p.119), fala sobre a violência, ele aponta que esta é vista como um fenômeno que está presente cada vez mais em todos os espaços e setores sociais. Ela não é “estranha e se quer passageira”. A violência está em todos os cantos, mesmo difusa, e a juventude no centro dos debates, ora pensada como agente de violência, ora como vítima a experimentá-la no próprio corpo. O problema social, os discursos dominantes sobre a violência e a juventude, é uma construção simbólica entre coletividades. Portanto, não é algo dado, estático, é uma realidade dinâmica que admite um conflito de visões e, muitas vezes, a dependência de muitas visões a uma única, mesmo que temporariamente.

Quando João fala da violência, na sua narrativa, afirma:



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

Existe. Existe muito. Eu acho que ela existe até muito aqui, poderia existir até menos, pra o tamanho de Conquista, por ser uma cidade do interior etc...Etc...Etc. Mas, essa coisa da violência existe e está inerente quando você sai, você já tem que sair de certo ponto preparado pra isso, pra se tiver uma briga você não tá junto, se rolar alguma coisa com você, você evitar, mas existe a coisa da violência e do risco, existe muito. Eu acho que o jovem ele... Passa, ele aprende a conviver com isso, vamos dizer assim, existe uma relação pacífica entre ele, a violência e o risco. Eles já saem sabendo que alguma coisa pode acontecer. Alguns se previnem, e outros não. (João)

João, como outros entrevistados, vê uma relação *“intrínseca”* entre juventude violência e noite. Para ele, *“não dá pra você fugir dela”*. Contudo, afirma que diante dessa realidade, o jovem aprende a *“conviver”* com esta relação, lembrando, porém, que alguns jovens, mesmo assim, não se *“previnem”*.

Bom... Eu tinha dito antes que é na noite que as coisas acontecem. Comportamento de risco à noite, ele é infinitamente maior, do que no dia. O comportamento de risco, à noite, ele aumenta muito. Ele aumenta de uma forma impressionante, e você vê coisas que você não imaginaria que aquela pessoa faria e você vê. E a coisa do pega, a gente sabe que não é um comportamento de risco pessoal, mas é um comportamento de risco coletivo, e pode pôr em perigo não só a vida daquele irresponsável que ta dirigindo, mas também com o que ta do lado apoiando ou até das pessoas que estão assistindo. Então, o comportamento de risco à noite, ele existe, é real e muito maior do que no dia. (João)

Em outro momento de sua fala, João lembra que o *“comportamento de risco à noite é infinitamente maior, do que no dia”*, pois as pessoas como são *“reprimidas”* durante o dia, se liberam à noite.

É... A questão da violência... É uma coisa que, bom... Hoje em dia é muito comentada, né? Porque a gente já sai com medo de casa. Os pais da gente assombram a gente mais ainda, *ô menino, não vai num sei aonde, que ta perigoso, ou que vai roubar seu carro, que vai num sei*



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

o quê. Então, é uma coisa que a gente convive. Não deixava de sair por causa da violência, porque eu acho que o jovem é meio incoseqüente assim, né? num...Num...Tem muito medo não. Depois quando a gente vai crescendo vai ficando com mais medo. Hoje, na hora que eu chego da faculdade, eu já tô com medo de entrar em casa, eu falo: ô meu Deus, eu chegava tão tarde e não tinha medo! (Tatiana)

Outra questão importante é quando Tatiana, outra entrevistada, diz que tem “aumentado a violência” à noite. No entanto, ela ressalta que, como “o jovem é meio incoseqüente”, não tem muito medo. O sentimento de poder controlar tudo e não perceber o perigo como uma realidade é comum no comportamento juvenil, e isso se refere não só à intensidade das experiências com as drogas, mas também com outras situações de risco.³⁶⁵ Mesmo sabendo que alguns espaços sociais são percebidos pelos jovens como um lugar violento, sendo lugares de lazer, eles não deixam de freqüentá-los, demonstrando que a violência é sentida e interpretada a partir do cotidiano e da forma como ela influencia a vida das pessoas seja no individual ou no social.

Apesar das preocupações, Tatiana lembra que sempre se afasta quando vê brigas e distingue que a boate, espaço social, é mais seguro do que shows e festas de rua, como, por exemplo, o Micareta de Vitória da Conquista.

Quando Caldeira (2000, *ibid*, p. 27) fala das narrativas sobre o medo e o crime, lembra que, além das interpretações e explicações estereotipadas e simplistas, organizam também “a paisagem urbana e o espaço público, moldando o cenário e as interações sociais que adquirem novo sentido numa cidade que progressivamente vai se cercando de muros”. Assim, o medo social vivido cotidianamente vai organizando novas formas de sociabilidade construída em torno de “estratégias cotidianas de proteção e reação que tolhem os movimentos das pessoas e restringem seu universo de interação”.

³⁶⁵SILVA, Elisabeth Murilho da. *A violência diletante: um estudo sobre as brigas juvenis no contexto do lazer*. p. 197.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

Eu acho que Conquista não tem apresentado a segurança que é necessário. Em minha casa mesmo, à noite, às vezes você deixa o carro um pouquinho, entra em casa, já voltei várias vezes meu carro tá arrombado. Então, eu acho que o policiamento não é suficiente. Cada vez mais, você vê os jovens mais armados, mais... Mais com propostas de serem violentos. Eu acho que a polícia tá...Tipo, o preparo também, os poucos policias que você vê, que você às vezes tem contado, porque você precisa ter contato, o preparo deles é muito pouco. É só aquela questão de ser violento também. Então, eu acho isso precisava ser analisado, reanalisado, ser refeito. É dessa maneira que eu vejo. (Diana)

Outra jovem, Diana, destaca que na cidade de Vitória da Conquista não existe a segurança “*necessária*”, como também “*o policiamento não é suficiente*”, o que leva os jovens a se armarem e “*serem violentos*”. Lembra com preocupação estas questões afirmando que “*isso precisa ser analisado, reanalisado, ser refeito*”.

Tem muito. Acho que porque...Por exemplo, são muitos ambientes, normalmente esses ambientes acabam sempre aparecendo vários tipos de pessoas, por exemplo, no posto onde a gente costuma ir já apareceu um pessoal assim que você vê pela aparência, pelo jeito, que não é assim, do mesmo tipo de vida que você, sabe? E que normalmente, às vezes, as pessoas que estão com a gente conhecem, falam *Ah, é traficante, aquele ali já tá fugindo da polícia*. Então, às vezes, na noite, eles têm uma...Por exemplo, eles vão nos ambientes que de dia eles não iriam. Ele tá, por exemplo, se ele sabe um lugar que a polícia não vai tão cedo, eles freqüentam muito aqueles lugares. Então, você vê...Cê vê traficante, você vê prostituta, tem aquela...Tem vários tipos. (Diana)

No relato acima, Diana lembra que hoje os ambientes freqüentados pelos jovens são freqüentados também por outras pessoas, como traficante, por exemplo. Como eles sabem que ali a “*polícia não vai tão cedo*”, continuam a freqüentar esses lugares. Assim, “*correr risco, acho que corre em todo lugar*”.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

Assim, a violência não é estranha à juventude, ela está presente no seu cotidiano. Porém, esta proximidade banaliza o comportamento violento, tornando-o trivial, o que fica claro nos depoimentos dos jovens entrevistados.

Entre os informantes, convivendo com eles e analisando os seus depoimentos, observo que de forma geral, as cenas de violência narrada pelos entrevistados expressão um sentimento. Medo. Os jovens sentem-se abandonados e esquecidos pelos poderes públicos. Sentem-se inseguros. Não se trata de um medo imaginário, que não tenha ligação com o real, trata-se do concreto vivido no cotidiano por estes jovens.

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, Helena Wendel. *Cenas Juvenis*. São Paulo: Scritta; ANPOCS, 1994.
- ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; TRACY, Kátia Maria de Almeida. *Noites Nômades*. Espaço e subjetividade nas culturas jovens contemporâneas. Rio de Janeiro: ROCCO, 2003.
- BARREIRA, César et. Al. *Ligado na galera*, juventude, violência e cidadania na cidade de Fortaleza. Brasília: Unesco, 1999.
- COSTA, Márcia Regina da. Juventude, indisciplina e novas formas de sociabilidade. *Revista Margem/ Faculdade de Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (FAPESP)*, n. 1, mar., 1992.
- MARGULIS, Mario et. Al. *La cultura de la noche: la vida nocturna de los jóvenes en Buenos Aires*. 1ª ed. Buenos Aires: Biblos, 1997. 2ª. reimpr.
- PAIS, José Machado. *Vida cotidiana: enigmas e revelações*. São Paulo: Cortez. 2003.
- _____. *Traços e riscos de vida: uma abordagem qualitativa a modo de vida juvenil*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1995.